

Educação política pela greve

Antonio Candido.

Como citar: CANDIDO, Antonio. Educação política pela greve. *In:* LOUREIRO, Isabel; DEL-MASSO, Maria Candida (org.). **Tempos de greve na Universidade Pública**. Marília: Oficina Universitária, 2001. p. 201-204. DOI: <https://doi.org/10.36311/2001.85-86738-20-4.p201-204>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

EDUCAÇÃO POLÍTICA PELA GREVE¹

Antonio CANDIDO

Bom, como ouviram, pouca coisa sobrou para dizer [risos]. Esta é a vantagem de ficar para o fim. Os colegas expuseram exatamente o que houve e de tudo que expuseram ressaltam a perfeita lisura e a perfeita boa fé das organizações em greve. E eu queria fazer apenas, para terminar, primeiro um relato da minha participação pessoal; segundo, algumas considerações.

Como disse aqui o nosso querido presidente [da ADUSP], eu “já peguei o bonde andando”, quer dizer, fui convocado na quinta-feira para uma reunião, para esta Comissão, para ir eventualmente à Reitoria. Infelizmente eu tinha uma reunião que já havia sido confirmada antes e não teria como desmarcar. Também na sexta-feira ao meio-dia já tinha um compromisso. Assim que o compromisso terminou vim para cá e fiquei aqui das três e meia da tarde às nove e meia da noite.

Nesse período pude verificar algo que é muito característico das greves: o movimento de fluxo e refluxo constituindo de certo modo o seu ritmo. Às três horas, otimismo; às três e quarenta, pessimismo; às quatro e dez, desespero; às cinco horas, esperança; às seis horas, euforia; às oito horas, de novo desespero. Nós passamos por isto na sexta-feira. Quando nos separamos às nove e meia da noite, as perspectivas eram mais negativas que positivas.

Mas o fim de semana fez seu efeito, o tempo passou e, ao chegar hoje aqui, cheguei à conclusão que as coisas melhoraram bastante. Aquelas idas e vindas, até com alguns episódios desagradáveis, acabaram rendendo um progresso. Isto me leva às palavras que queria dizer. É o seguinte: somos velhos grevistas, não apenas o prof. Alfredo Bosi e eu, e também o João [Zanetic] (a

¹ Intervenção do Prof. Antonio Candido na Assembléia da ADUSP realizada em 12 de junho de 2000.

diferença maior é que naquele tempo a barba dele era loura e agora está toda branquinha... [risos]... Mas o próprio Reitor da Universidade foi nosso companheiro na greve de 79 [risos]; lembro perfeitamente, porque presidi várias assembléias; eu era vice-presidente [da ADUSP], o presidente, aliás um grande presidente, o Prof. Modesto Carvalhosa, tinha que se ausentar com certa freqüência e eu assumi várias vezes a presidência, por períodos às vezes longos. E me lembro de várias assembléias em que eu estava e de que nosso Reitor participou muito ativamente, de maneira que ele deve ter uma boa idéia do que nós estamos fazendo aqui.

Dessas greves de que participei, dentro e fora da Universidade, uma convicção nasceu em mim, convicção que tive a oportunidade de exprimir, na sexta-feira, várias vezes aos meus colegas: não há greve derrotada. Toda greve é sempre um progresso, às vezes não no sentido de se obter exatamente o que se quer, mas progresso em coesão, em consciência e em combatividade.

Vejamos o caso da nossa ADUSP. Quando ela foi fundada, teve a princípio uma diretoria provisória, depois houve uma diretoria eleita. A ADUSP praticamente não existia. Nos momentos em que era preciso, convocavam-se as pessoas, elas vinham ou não vinham. Grande parte dos professores ainda discutia se cabia ao professor fazer uma associação, porque isso dava um ar um pouco desagradável de sindicato operário, não é mesmo? E o professor é um *gentleman* ... [risos].

Me lembro até que, em uma dessas reuniões, em uma outra greve depois daquela de 79, tive a oportunidade de dizer que o professor universitário, dadas as suas condições de vida e dada a evolução da sociedade, não é mais um *gentleman* ligado às elites. Ele é muito mais um homem ligado ao trabalhador. Por isso, o comício, a manifestação, o protesto, a greve tornam-se instrumentos legítimos desta nova etapa da sua vida. Tive até a oportunidade de citar, propondo que fosse uma espécie de lema nosso em relação a colegas mais conservadores, o nome de um livro de ensaios do grande socialista inglês Harold Laski, *Sobre os perigos de ser gentleman e outros ensaios* [risos].

Ora, daquela greve de 1979, quero contar aos colegas o seguinte: eu, no exercício da presidência, mais de uma vez officiei ao Reitor de então. Qual o resultado? Não respondia aos meus officios. Só isto. Uma descortesia tão profunda que não chegava a ser descortesia. Era o seguinte: “isto não existe”; “responder o quê?”; “o que este homem está fazendo?”; “que associação é essa?” Bom, foi a greve que deu coesão. A greve derrotada de 1979 praticamente criou o cimento que uniu a ADUSP. Naquele momento, pela primeira vez, os funcionários da Universidade entraram na luta conosco. Ainda naquele tempo havia um corporativismo mais acentuado, nós funcionávamos em deliberações separadas, mas os funcionários entraram conosco, para escândalo de grande parte de nossos colegas mais apegados ao passado.

Hoje não apenas os funcionários, mas os estudantes estão junto com os professores, deliberando, com frequência, organicamente. Querem um progresso maior do que este, do ponto de vista democrático, do ponto de vista das relações humanas, dentro da Universidade, da sociedade?

Refletindo, extrapolando daquela nossa sexta-feira meio angustiada, de fluxos e refluxos, penso o seguinte: estes fluxos e refluxos que ocorreram, não na sexta-feira, mas nos 30, ou nos 40, ou nos 50 dias de greve são uma extraordinária educação política. E são alguma coisa mais que nos permitirá, por exemplo, depois de termos dado um balanço nas nossas conquistas materiais e funcionais, nos deixar muito mais abertos para a grande discussão do futuro da Universidade. Depois desta greve nós poderemos, com muito mais segurança, enfrentar o grande problema que é um problema a que o prof. Bosi se referiu – o descalabro que está pairando sobre a Universidade.

De maneira que a minha palavra é de agradecimento, de agradecimento por ter sido chamado depois de um período tão longo de inatividade, por estar aqui de novo, vendo a barba branca do João e lembrando o tempo da barba loura. Mas, para dizer que espero, que acredito que tudo vai acabar bem. E que, em homenagem ao Reitor da Universidade de Londrina, amigo do Dr. Dalmo Dallari, possamos dizer: *finis coronat opus*.